

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)



APRESENTAÇÃO

Passado quase um ano da realização dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro, já é tempo de se avaliar os custos materiais e sociais da realização de um dos maiores eventos socioculturais contemporâneos.

Observa-se ao longo dos meses decorridos que os discursos que fundamentaram a mobilização de recursos para a realização do evento pouco se sustentam, deixando para a cidade e para o país o ônus de obras cuja finalidade se desconhece, a discussão sobre o uso dos recursos aplicados e à não execução de projetos educacionais e sociais, um dos itens obrigatórios no processo de postulação.

Por todas essas questões, algumas delas vividas também por cidades como Londres, Atenas, Sydney e Atlanta, os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro parecem marcar o final de um ciclo no Movimento Olímpico, já anunciado com a criação da Agenda 20 + 20 pelo atual presidente do Comitê Olímpico Internacional, Thomaz Bach. O modelo insustentável da competição levou recentemente a cidades como Estocolmo, Chicago e Roma a renunciarem às suas postulações aos Jogos de 2024.

Afora as questões de ordem estrutural questões da agenda social e política também desafiam o Movimento Olímpico, como é o caso do doping, que impediu parte da delegação russa a participar dos Jogos de 2016; as questões de gênero com as recentes discussões sobre identidade de gênero e sexo biológico e também a vinculação de atletas a Estados Nacionais em conflito por território que o leva a, desterritorializado, a buscar abrigo ou apoio temporário para ter o direito de expor suas habilidades atléticas.

O VII Seminário de Estudos Olímpicos tem por finalidade discutir o legado deixado pelos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro e debater os rumos do Movimento Olímpico Internacional a partir dos desafios que se apresentam diante dos novos paradigmas sociais, políticos e econômicos.

Os encontros para discussão sobre o tema olímpico têm um histórico de mais de 10 anos. No ano de 2004, em conjunto com a Academia Olímpica Brasileira, realizamos o V Fórum Olímpico. Naquela ocasião os participantes do Centro de Estudos Socioculturais do Movimento Humano tiveram papel ativo nessa realização, tanto do ponto de vista operacional como acadêmico. O evento contou com a participação dos professores Richard Cashman, da Universidade de Sydney, na Austrália, Prof. Eckhart Meinberg, da Universidade de Colônia, Alemanha, do Prof. Andy Miah da Media, Bioethics & Cyberculture University of Paisley Ayr Campus, Beech Grove, Escócia, do Prof. Jorge Bento, da Universidade do Porto e com a presença de 234 pessoas entre profissionais da Educação Física, do Esporte e de áreas afins e também estudantes.

Em 2005 começamos o ciclo de Seminários de Estudos Olímpicos, com a presença de importantes pesquisadores nacionais e internacionais, autoridades do tema olímpico, que não apenas colaboraram nas discussões promovidas, como também das muitas publicações geradas desses encontros no formato de artigos e livros.

Em 2017 o VII Seminário de Estudos Olímpicos tem como propósito ampliar as discussões envolvidas com o tema e também reunir no Brasil a rede de estudiosos que vêm trabalhando junto ao Grupo de Estudos Olímpicos da EEFE-USP na realização de pesquisas acerca da memória e história do esporte olímpico.

O VII Seminário de Estudos Olímpicos pretende congrega pesquisadores, professores e estudantes da área da Educação Física e Esporte, bem como antropólogos, psicólogos, sociólogos, dentre outros profissionais interessados em debater as questões relacionados ao Movimento Olímpico Contemporâneo.

Katia Rubio

Editora

*Escola de Educação
Física e Esporte*

*Universidade de São
Paulo*

katrubio@usp.br

*[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v1n3.id35](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v1n3.id35)*

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

COMISSÃO ORGANIZADORA

PRESIDENTE: Prof^a Dr^a Kátia Rubio

MEMBROS: Prof^a Dr^a Soraya Chung Saura

Prof^a Dr^a Ana Maria Zimmermann

Prof^a Dr^a Flávia da Cunha Bastos

Prof^o Dr. Ary José Rocco Jr.

COMISSÃO CIENTÍFICA

Katia Rubio - Presidente

Alexandre Velly Nunes – UFRGS

Ana Jacó Vilela – UERJ

Raoni Machado – UFLa

Silvana Goellner – UFRGS

Victor Mello – UERJ

Wanderley Marchi Jr. – UFPR

COMISSÃO DE TRABALHO

Carla Meira

Carlos Rey Perez

Dhênis Rosina

Edilene Gonçalves

Gabriela Gonçalves

Gabriela Mazzei

Gislane Melo

Isaias Nóbrega Jr.

Juliana Cabral

Júlia Frias Amato

Luciana Ferreira Angelo

Luciane Tonon

Maria Alice Zimmermann

Natália Quintilio

Neilton Ferreira Jr.

Rafael Campos Veloso

Roberta Aparecida Cardoso

Rovilson de Freitas

William Douglas

Waleska Vigo Francisco

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO ORAL	5
DO IMPERFEITO AO MAIS QUE PERFEITO: A KALOKAGATHIA DOS ATLETAS PARAOLÍMPICOS	6
ATLETAS OLÍMPICOS E PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA, NARRATIVAS BIOGRÁFICAS ALÉM DA PRÁTICA ESPORTIVA	7
WHAT FACTORS HAVE INFLUENCED THE EVOLUTION OF OLYMPIC MARATHON?	9
O MILAGRE OLÍMPICO: ESPORTE E RELIGIOSIDADE NO BRASIL	11
O MITO CONTEMPORÂNEO DA HEROÍNA ESPORTIVA: DA GUERRA AO PÓDIO	13
MITOCRÍTICA E MITANÁLISE NOS ESTUDOS OLÍMPICOS	14
HÓQUEI BRASILEIRO NOS JOGOS RIO 2016: UMA SELEÇÃO TRANSNACIONAL	15
A APROXIMAÇÃO DO MOVIMENTO OLÍMPICO COM A SOCIEDADE ATUAL.....	17
O “TEMPO ECOLÓGICO” NAS NARRATIVAS DE ATLETAS: EM BUSCA DE UMA POÉTICA PARA O CAMPO ESPORTIVO.....	19
O LEGADO DA GINÁSTICA PARA TODOS NOS JOGOS OLÍMPICOS DO RIO DE JANEIRO	20
APRESENTAÇÃO POSTER.....	22
O HEROÍSMO DO ATLETA NO ESPORTE MODERNO E AS SUAS IMPLICAÇÕES EM PRATICANTES DE ATIVIDADES ESPORTIVAS.....	23
JOGOS OLÍMPICOS E GINÁSTICA PARA TODOS: POSSÍVEIS DIÁLOGOS ENTRE SEUS IDEALIZADORES.....	24
A AMIZADE COMO VALOR NA PRÁTICA DO VÔLEI ADAPTADO NO CEU QUINTA DO SOL	26
LEGADO SOCIAL DAS OLIMPIADAS: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE 1992 E 2016.....	27

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

O LEGADO DO PAN/2007 - 10 ANOS DEPOIS.....	29
ANO OLÍMPICO E MÍDIAS SOCIAIS: ANÁLISE DO INSTAGRAM DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA	30
VALORES OLÍMPICOS: UM OLHAR SOBRE A GINÁSTICA PARA TODOS	32
A PERCEPÇÃO DE KARATECAS QUANDO IMERSOS NA COMPETIÇÃO: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA	34
LEGADO EDUCACIONAL DOS JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016: DO PLANEJAMENTO À EXECUÇÃO.....	35
DE “MÃOS VAZIAS” A “MÃOS COM LUVAS”: A TRAJETÓRIA DO KARATE RUMO AOS JOGOS OLÍMPICOS.....	37
PROPOSTA DE COMO DISPONIBILIZAR O CONTEÚDO DO LIVRO "ATLETAS OLÍMPICOS BRASILEIROS" NUM SISTEMA INFORMATIZADO COM BANCO DE DADOS.....	38
“ESSA É SUA”. A EXPERIÊNCIA COMPETITIVA NAS OLIMPIADAS ESCOLARES DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO.....	39
PARTICIPAÇÃO E RANQUEAMENTO NA NATAÇÃO ARTÍSTICA AO LONGO DAS EDIÇÕES OLÍMPICAS.....	40
APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS ESCOLARES	42
PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA EM JOGOS OLÍMPICOS: NATAÇÃO ARTÍSTICA	43
PENÉLOPE E A ESPERANÇA DO ATLETA OLÍMPICO RESERVA: POSSÍVEIS TRAJETÓRIAS ATÉ A TITULARIDADE.....	44
EDUCAÇÃO OLÍMPICA E VALORES: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO ...	45
A EDIFICAÇÃO DO ESPÍRITO OLÍMPICO NA EXPERIÊNCIA DE VOLUNTARIADO NA GINÁSTICA ARTÍSTICA NOS JOGOS DO RIO.....	47

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

APRESENTAÇÃO ORAL

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

DO IMPERFEITO AO MAIS QUE PERFEITO: A KALOKAGATHIA DOS ATLETAS PARAOLÍMPICOS

Luciane Tonon

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

luciane.tonon@usp.br

Embora o título remeta à conjugação de tempos verbais representando o passado e o futuro, o objetivo deste artigo não é sobre a gramática portuguesa e sim destacar o ritual de passagem da condição de vida da pessoa com deficiência, antes e depois de se tornar um atleta paraolímpico. Em se tratando de esporte, cabe o termo “imperfeito”, quando folheamos as páginas da história para situar onde estariam as pessoas com deficiência, quando as práticas esportivas começaram a existir, submetidas a uma política em que os heróis eram os defensores da polis (cidade), que tinham como pré-requisito o Kalokagathia - conceito grego derivado da expressão kalos kai agathos, que significa literalmente belo e bom; e onde elas se encontram na atualidade. Nesse contexto, a kalokagathia vai brilhar na passagem do indivíduo que transcende de um corpo com limitações físicas, ou de pouca eficiência no conceito do senso comum, para uma posição de excelência, do bom e do belo, alcançado pelo atleta paraolímpico. Sendo assim, o tema está embasado historicamente com Silva (1987) Amaral (1994), que vão tratar da pessoa com deficiência na antiguidade; Rubio (2001) trazendo o surgimento das práticas esportivas e o termo kalokagathia no surgimento do herói; e nos conceitos de ritos de passagem com Genepp (2012), Midgley (2014), Nassar e Farias (2017), entre outros. Na aplicação desse conceito trago histórias de vida de atletas paraolímpicos através do método de narrativas biográficas, que é concebido a partir da fala do sujeito, respeitando o que ele traz na memória, sem intervenções do pesquisador, mesmo que ele não exponha pontos importantes da sua história de vida. Esse estudo faz parte da pesquisa: Olímpicos e Paralímpicos: separados por um instante, desenvolvida na Escola de Educação Física e Esportes da USP aos moldes da Pesquisa Atletas Olímpicos Brasileiros da professora Kátia Rubio, que tem narrativas biográficas como carro chefe, ao reunir a história de vida de todos os atletas brasileiros participantes de Jogos Olímpicos.

Palavras-chave: Esporte paraolímpico; Pessoa com deficiência; Ritos de passagem; Kalokagathia.

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

ATLETAS OLÍMPICOS E PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA,
NARRATIVAS BIOGRÁFICAS ALÉM DA PRÁTICA ESPORTIVA

Maria Alice Zimmermann

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Secretaria Municipal de
Educação São Paulo / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

mariaalice.zimmermann@gmail.com

Os Jogos Olímpicos da era moderna, considerados a face pública do Olimpismo, representam uma das atividades com maior visibilidade esportiva, o maior evento do planeta, quer devido ao seu valor sociocultural ou à sua representação artística. O esporte é um fenômeno culturalmente desenvolvido em vários lugares do mundo. A capacidade de existência e permanência entre nós é no mínimo instigante a constante pesquisa, com registros de competições desde 776 a.c. Não há como negar a forte influência que os jogos olímpicos e o esporte atuam sobre escolares e seus professores, que podem ser acima de tudo ser fonte de inspiração, e segundo Rubio, 2001, revela histórias de triunfo atlético e decepção protagonizado por atletas de todo o mundo. De acordo com a pesquisa “Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros” Rubio, 2016, destacamos a narrativa de vários atletas olímpicos que se referem aos seus professores de Educação Física, de maneira espontânea. A narrativa dos atletas olímpicos brasileiros, segundo Zimmermann e Rubio, 2016, (p 263) “é marcada por referências a pessoas significativas. Parentes, amigos, vizinhos de bairro surgem com frequência na memória de atletas jovens ou velhos, e todas essas memórias carregam a deferência a essas pessoas como se elas fossem fadas, anjos ou simplesmente aquela pessoa que conseguiu ter no olhar o carinho e o cuidado para reconhecer algo de especial em alguém que pertencia a um grupo quase sempre repleto de outros seres ativos e habilidosos. “Ouvimos que a referência primeira é do seu professor de Educação Física da escola ou o técnico de uma equipe de base. Atletas de diferentes épocas e modalidades tiveram sua história marcada pela presença do professor de Educação Física na escola como incentivador que é comumente citado como o responsável pela sua descoberta e posterior encaminhamento ao esporte de rendimento. Este professor de Educação Física que inspira, como aquele que encanta pela sua narrativa apaixonada pelo que faz, pelo que acredita, pelas oportunidades que cria. Pode ser um grande motivador, como aquele que encaminha para os Clubes, mostra caminhos possíveis e sobretudo dá suporte nos momentos mais difíceis. O professor também enfrenta cotidianamente condições adversas no desempenho de suas funções, assim como superar as dificuldades para chegar à vitória são as marcas na vida do atleta. A precariedade das condições de trabalho, a dificuldade de aprimoramento técnico, a jornada por

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

muitas vezes extensas e intensas. Muitos professores trazem nas suas histórias lembranças esportivas, como atletas, como crianças que foram vividas praticando alguma modalidade esportiva. É quando a memória deixa de ter um “caráter de restauração e passa a ser memória geradora do futuro (Bosi, 2003, p. 66)”. É o que se observa na narrativa da professora R.. Reconhecidamente vocacionada para ensinar, como ela mesma fez questão de destacar. Foi praticante, foi atleta, competiu e o que mais gosta de fazer é dar aulas. Gosta da iniciação esportiva, de mostrar esse “mundo encantador e desafiador” que é o esporte e suas possibilidades educacionais aos alunos.

Palavras-chave: Narrativas Biográficas; Professor de Educação Física.

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

WHAT FACTORS HAVE INFLUENCED THE EVOLUTION OF OLYMPIC MARATHON?

Gabriel Espinosa

Wagner Oliveira Batista

Jonas Lírio Gurgel

Universidade Federal Fluminense

gespinosa@id.uff.br

Purpose: the purpose of this research was to describe the evolution of the Olympic Marathon (OM) and identify what factors may affect the results, via principal component analysis. Methods: The research was based on a mixed method approach using statistical regressions methods with principal component analysis of the performances in every OM and a historical research about marathon races, environmental characteristics, organizational aspects, marathoners' profile, training methods. Data of men's marathon performances was collected and the information was categorized in themes (athletes' data, environmental data, and context), then analyzed to verify which components may affect the race performance. Regarding athletes' data, the variables obtained were: number of starters; number of finishers; Geopolitical Entities (GPE); athletes' age, results; coefficient of variation. Environmental data was composed by: time of the day; temperature; mean altitude; range of altitude; mean elevation; and vertical work. To describe the evolution of PACE (min per kilometer) the regression line between performance and year was analyzed to identify and whether necessary, a polynomial approach was used to identify the best curve fit. For the Principal component analysis some steps had to be followed: firstly, the normality of all variables was tested. Secondly, the correlation between every independent variable and the pace was run to verify whether the variables would meet the criteria. Alpha equal 0.05 was set as the significance level. Results: The evolution of performance in the Olympic Marathon is better described by a third order polynomial model, and it was observed that performance improvements tend to decline and may even cease to exist ($R^2=0.86$ and $p<0.001$). The Polynomial model indicates there were no unique change points, but periods with different trends. In the first eight Olympiads occurred the major changes in the race pace (with 19% of improvement), followed by periods of fewer changes (7%) and in the later games, after 1968 it is possible to observe a stabilization (only 3%). These results indicate that there is a weak association between vertical work (0.38) and mean altitude (0.34) and the pace. On the other hand, there are great association between pace and finishers' percentage (0.63) and coefficient of variation (0.51), and strong association with, number of starters (0.84), GPE (0.91). According to the PCA the variables the GPE, CV and finishers percentage are the variables the most important variables, with grater impact. Conclusion:

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

The variables Age, number of starters, time of the day, temperature, mean elevation, and range of altitude did not even correlated with the performance in the male Olympic Marathon. Vertical work and mean altitude are important variables to be considered. Nevertheless, the number of fishers, GPE and the coefficient of variation make a strong component with great impact in the performance. The level of competitiveness, expressed by the Coefficient of Variation is a very important variable to active excellence, and the internationalization (GPE) is a key element to improve the Level of competitiveness.

Palavras-chave: Olympic Marathon; Marathon Evolution.

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

O MILAGRE OLÍMPICO: ESPORTE E RELIGIOSIDADE NO BRASIL

Marcos Filipe Guimarães Pinheiro Antônio Carlos Simões

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP)

marcosfgpinheiro@usp.br

“Eu ter conseguido a vaga das Olimpíadas, pra mim isso é um milagre”. A fala de Iris Sing do taekwondo brasileiro revela algo importante da última edição dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro em 2016 onde foi possível perceber como manifestações religiosas no âmbito esportivo se tornaram comuns. O sinal da cruz feito sobre o peito ao entrar no local de disputa sempre com o pé direito; dedos apontados para o céu enquanto uma reza ou oração é proferida antes da partida, em agradecimento por um gol ou ponto marcado, enfim, pela vitória, pela medalha pendurada no pescoço. A confiança de atletas, técnicos e torcedores em amuletos, tatuagens, roupas por baixo de uniformes, na barba/cabelo crescido/cortado, nas inúmeras rezas e orações, nos gestos e rituais realizados antes, durante ou no decorrer de partidas e/ou provas. Ou como revelou a atleta entrevistada: “pra eu conseguir a vaga para as olimpíadas eu estava indo na igreja direto”. Assim, foi objetivo desta pesquisa analisar como a religiosidade se relaciona com o esporte e as carreiras esportivas de atletas olímpicos brasileiros. Participou deste estudo uma atleta de taekwondo competidora na última edição dos Jogos Olímpicos de 2016. Neste estudo exploratório descritivo de natureza qualitativa foi realizado uma entrevista semiestruturada baseada nos métodos de História de Vida e de História Temática. Para a análise e compreensão de rico universo de dados advindo da entrevista, empregou-se a perspectiva teórica de Danièle Hervieu-Léger sobre as diferentes modalidades do crer na contemporaneidade, privilegiando a abordagem da religiosidade individual, pessoal, subjetiva, ao invés da religiosidade institucional. Em toda a narrativa de Iris ficou evidenciado que a religiosidade exerce influência sobre sua carreira esportiva, ao mesmo tempo que esta, com treinamentos e competições constantes, influencia também a vivência de sua religiosidade. Quando questionada sobre como sua crença/fé pode influenciar sua prática esportiva, a atleta destaca a necessidade de ter fé. Tal aspecto, diz ela ser essencial na carreira esportiva. Evidencia-se a necessidade de considerarmos em nossas pesquisas no campo esportivo aspectos como a religiosidade, muitas vezes antes negligenciados. Por mais complexo que seja o tema e por mais controversos que sejam seus resultados, as evidências apontam para o necessário aprofundamento nos sentidos e nos significados que a religiosidade vivenciada por atletas aciona no meio esportivo, sobretudo em sua máxima manifestação: os Jogos Olímpicos. Necessitamos explorar as relações que a religiosidade estabelece no contexto

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

esportivo para aprimorar o conhecimento sobre o ser humano e as suas relações com o Esporte.

Palavras-chave: Esporte; Religiosidade; Jogos Olímpicos

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

O MITO CONTEMPORÂNEO DA HEROÍNA ESPORTIVA: DA GUERRA AO PÓDIO

Jéssica Oliveira Florentino Rafael da Silva Mattos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

jesikaedf@gmail.com

A primeira participação das mulheres nos Jogos Olímpicos ocorreu em Paris, em 1900, ficando restrita às modalidades de golfe e tênis, considerados esportes sem contato físico, de pouco impacto e que não colocavam em risco a condição de fragilidade e graciosidade feminina. Nos Jogos Olímpicos Rio 2016, estimou-se que a participação feminina chegou a 45% em 26 esportes disputados. Até chegar aos Jogos Olímpicos de 2016, as mulheres enfrentaram grandes dificuldades para conquistar direitos básicos como acesso à educação e ao voto. Este trabalho teve como objetivo investigar os sentidos atribuídos pela mídia diante do desempenho esportivo das mulheres nos Jogos Olímpicos Rio 2016. O procedimento metodológico foi a análise documental de reportagens de sites esportivos. Para analisar os resultados foi utilizada a análise do discurso proposta por Michel Foucault. Os resultados encontrados indicam que as mulheres tiveram a sua imagem associada à de heroína quando conquistaram a primeira medalha olímpica para o seu país – que sofreu com a guerra –, superaram casos de violência sexual ou foram destaque em uma partida decisiva. A conclusão do trabalho é que as mulheres foram representadas no imaginário social midiático como heroínas esportivas no mesmo modelo estrutural de dominação masculina e que ainda é preciso avançar na questão de igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Palavras-chave: Mulher; Esporte; Heroínas.

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

MITOCRÍTICA E MITANÁLISE NOS ESTUDOS OLÍMPICOS

Rafael Campos Veloso

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos
(GEO)

rafaveloso13@hotmail.com

Os Jogos Olímpicos e o olimpismo enquanto objeto de pesquisa e análise, congregam os esforços dos mais diversos campos de produção do conhecimento acadêmico. O objetivo deste estudo é apresentar o potencial contributo para os Estudos Olímpicos, dos conceitos e métodos da mitocrítica e mitanálise, pertencentes ao campo das noções de imaginário, e propostos por Gilbert Durand na metade do século XX. A mitocrítica e a mitanálise, entendidos como “métodos do imaginário” por Danielle P. R. Pitta, direcionam desde o esforço hermenêutico de elementos simbólicos particulares em suas dimensões de representações, funções e simbolismos, até a análise actancial de uma dada dinâmica social. O processo metodológico da mitocrítica ilumina mitos diretores em ação no inventário cultural (obras, textos, expressões artísticas, etc.), a partir das recorrências e redundâncias dos mitemas presentes nestas produções. Já a mitanálise, preconiza a ampliação do esforço hermenêutico para um contexto sociocultural definido, ora pelo deslizamento natural da mitocrítica e seus resultados, ora via abordagem filosófica. Os Jogos Olímpicos, entendidos na dimensão de fenômeno sociocultural, pedagógico, e no espectro da Cultura Corporal de Movimento, pertencem ao inventário cultural passível da ação mitocrítica e mitanalíca. A apresentação deste estudo pretende seguir inicialmente pela explanação destes conceitos metodológicos oriundos das teorias do imaginário simbólico de G. Durand para, em sequência, relatar sua influência nas linhas e temas de pesquisa do Grupo de Estudos Olímpicos (GEO), pertencente ao Centro de Estudos Socioculturais do Movimento do Corpo Humano (CESC) da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (USP). Esta abordagem metodológica nos tem conduzido à revelação dos mitos diretores em movimento no universo olímpico. O registro mais recente desta linha de estudo compõe o livro “Esporte e Mito” (2017), com capítulos escritos por pesquisadores do GEO e parceiros, e conta com a organização da Prof^a Dr^a Katia Rubio. Por fim, apresentaremos uma proposta de aplicação Mitocrítica em obras e textos destinados à Educação Olímpica. A proposta é referenciada no conceito de Ideologema proposto por Alberto Filipe Araújo no intuito de uma ação hermenêutica e de iluminação dos mitos diretores de texto destinados à educação.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos; Mitocrítica; Mitanálise; Esporte; Mito.

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

HÓQUEI BRASILEIRO NOS JOGOS RIO 2016: UMA SELEÇÃO TRANSNACIONAL

William Douglas de Almeida

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos
(GEO)

williamdouglas@usp.br

País sede dos Jogos Olímpicos de 2016, o Brasil teve uma delegação recorde formada por 465 atletas de 39 modalidades. Pela primeira na história, o país teve representantes em cinco esportes: hóquei sobre a grama, badminton, rugby, ginástica trampoline e golfe. A seleção de hóquei sobre a grama conseguiu a classificação após ficar em quarto lugar nos Jogos Pan-Americanos de Toronto, em 2015, atingindo desta maneira o nível técnico mínimo exigido pela Federação Internacional da modalidade para que o país sede pudesse participar dos Jogos. Dentre os 18 atletas convocados para representar o país, seis nasceram em território estrangeiro: Adam Imer, Chris McPherson, Ernst Onnes, Joaquin López, Patrick van Heijden e Yuri van Heijden. Parte deles se naturalizou brasileiro, outros são considerados brasileiros natos por fatores hereditários. Além deles, outro membro da equipe era Stéphane Smith, nascido em Pernambuco, mas que adotado por pais europeus e que foi criado na Inglaterra. O objetivo deste trabalho é apresentar a trajetória, compreender as relações entre estes atletas e o Brasil e analisar o papel que eles tiveram na participação pioneira do país no hóquei sobre a grama em Jogos Olímpicos e discutir a formação da identidade destes atletas como brasileiros. Este trabalho é parte integrante da pesquisa “Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros” e segue como base a metodologia das narrativas biográficas. De acordo com Rubio (2014, p. 114) “As representações verbais da memória permitem a recriação da história do sujeito, favorecendo a elaboração de construções identitárias”. As entrevistas não seguiram um questionário e foram feitas de maneira “aberta”. De acordo com Medina (2000) este tipo de condução permite uma postura dialógica e humaniza o entrevistado, fugindo das amarras dos questionários fechados. Maguire (2007) destaca que, em uma sociedade transnacional, a migração de atletas é um fenômeno cada vez mais comum e que é grande o número de atletas naturalizados participando dos Jogos Olímpicos. O autor classifica estes migrantes em diferentes categorias – residentes, pioneiros, nômades, retornados e mercenários. Dentre os atletas da equipe de hóquei, devemos destacar o papel de pioneirismo de todo o time, uma vez que o Brasil teve, em 2016, pela primeira vez uma seleção olímpica da modalidade. É válido ainda destacar que alguns destes imigrantes se tornaram residentes no país, como é o caso de Chris McPherson,

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

que vive em Porto Alegre, onde trabalha como professor de inglês e também desenvolve um projeto para o fomento do hóquei sobre a grama, tornando-se assim um divulgador da modalidade no local. É possível ainda classificar alguns atletas como “retornados”, uma vez que a decisão por escolher a nacionalidade brasileira, mesmo que não tenham vivido no país, configura um retorno às ligações hereditárias e afetivas do atleta com o país. Vale ainda destacar que não apenas o hóquei sobre a grama teve atletas nascidos em outros países representando o Brasil nos Jogos Olímpicos de 2016. Ao todo foram 23 atletas nestas condições.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos; Hóquei; Transnacionalismo; Migração; Atletas.

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

A APROXIMAÇÃO DO MOVIMENTO OLÍMPICO COM A SOCIEDADE ATUAL

Guilherme Silva Pires de Freitas

Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH/USP)

gui_sp_freitas@yahoo.com.br

Entre os dias 13 e 16 de setembro de 2017 os membros do Comitê Olímpico Internacional se reuniram em Lima para a 131ª sessão da entidade. No encontro além da oficialização das cidades de Paris e Los Angeles como sedes olímpicas de 2024 e 2028, outros assuntos foram discutidos e alguns serão analisados neste trabalho. Este estudo tem como objetivo mostrar que o COI acompanha as reivindicações da sociedade atual. Como método de pesquisa será utilizado a 131ª sessão do Comitê e ações recentes da entidade. Serão destacados três temas que dialogam com as pretensões de grupos sociais: a igualdade de gênero, apoio aos atletas refugiados e aproximação com os jovens. Uma maior participação das mulheres dentro do movimento olímpico é algo que cresce há décadas. De acordo com Pike (2017) a participação feminina nos Jogos de verão cresce ininterruptamente desde o fim da II Guerra Mundial. Durante a 127ª sessão em 2014, o COI criou a Agenda 2020 que busca equiparar os gêneros através de parcerias com as Federações Internacionais para atingir o número de 50% da participação feminina no futuro (COI, 2014). Em junho de 2017, o conselho executivo entidade anunciou a criação de 15 novos eventos para atingir a meta de 48,8% da participação de mulheres em Tóquio-2020 (COI, 2017). Definidos por Bauman (2007) como pessoas sem Estado e carentes pela inexistência ou pela presença fantasma, os refugiados tiveram pela primeira vez uma delegação própria no Rio-2016. Na ocasião, dez atletas competiram sob a bandeira do COI. A finalidade da ação foi justamente chamar a atenção mundial para a crise que refugiados veem enfrentando e mostrar que o esporte pode servir como auxílio a estas pessoas, indo de acordo com Habermas (1998) que afirma que o simples ato de fugir da terra natal já mostra evidências suficientes da necessidade em ajudá-los. Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados são cerca de 65,6 milhões deles espalhados pelo mundo (Acnur, 2016). Ainda durante a 131ª sessão a entidade anunciou a criação do Refúgio Olímpico buscando apoiá-los. Por fim a 131ª sessão também tratou de assuntos ligados aos jovens. A inclusão de modalidades amplamente praticadas pela juventude como skate, surf e escalada no programa olímpico de Tóquio-2020, além das mudanças na estrutura dos Jogos da Juventude, que terá um aumento de 70% de atletas e igualdade de gênero total, mostram como o COI está preocupado com sua popularidade entre os mais jovens. Dessa forma conclui-se que as recentes medidas do COI visam

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

justamente apoiar e acolher os anseios da sociedade atual buscando mais igualdade, solidariedade e se rejuvenescer aos olhos do mundo. Através de políticas sociais e ações concretas o COI se mexe em busca de adequar-se aos novos tempos e a comunidade internacional.

Palavras-chave: Comitê Olímpico Internacional; Refugiados; Igualdade de gênero; Juventude.

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

O “TEMPO ECOLÓGICO” NAS NARRATIVAS DE ATLETAS: EM BUSCA DE UMA POÉTICA PARA O CAMPO ESPORTIVO

Dhênis Rosina

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

dhenisrosina@yahoo.com

O ‘tempo ecológico’ diz respeito a um tempo cíclico. Um tempo no qual o homem registre as mudanças de sua vida nas relações que ele estabelece com a natureza ou com seu corpo, considerado então em seu aspecto bio-psico-social. Por isso, as marcas desse ser passam a ser narradas e entendidas a partir dos períodos do dia ou então das estações do ano, numa relação cíclica em que a marca é a repetição. Por isso, esse trabalho tem como objetivo interpretar as narrativas de atletas brasileiros em busca dessa relação poética consigo mesmo e com a natureza. A poética, nesse sentido, se torna fundamental para a compreensão dos significados estabelecidos pelo próprio sujeito em sua narrativa e, ao mesmo tempo, se apresenta como uma alternativa para/com a leitura de narrativas orais. Na leitura das narrativas observamos a possibilidade de um olhar poético para o que os atletas nos contam. Quando estes narram os eventos que são contínuos e cíclicos em sua trajetória, como por exemplo, a religiosa ida aos treinos; a sua relação com o corpo e com os elementos da natureza. A atenção a esses aspectos revela uma relação poética do sujeito com meio que vive e com as relações humanas que ele estabelece. Esses aspectos ainda se apresentam como desafios ao campo das ciências humanas, mas quando observado o trabalho com as narrativas de tradição oral esse é um campo em pleno desenvolvimento. Assim, a busca de uma poética para o campo esportivo nos aproxima desse ‘novo’ espírito científico, no qual, as fronteiras da ciência não são tão rígidas e o sujeito protagoniza seus feitos, em busca dos significados que ele estabelece com o mundo.

Palavras-chave: Narrativa biográfica; Poética; Esporte.

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

O LEGADO DA GINÁSTICA PARA TODOS NOS JOGOS OLÍMPICOS DO RIO DE JANEIRO

Priscila Lopes

Mellina Souza Batista

Michele Viviene Carbinatto

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri; Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP)

priscalopes@usp.br

A Ginástica Para Todos (GPT) é a única ginástica organizada pela Federação Internacional de Ginástica (FIG) que não possui caráter essencialmente competitivo. Seu desenvolvimento tem como um dos princípios norteadores a elaboração e apresentação de coreografias, as quais possuem o elemento gímico como base, mas agregam também movimentos de outras manifestações corporais, tais como a dança, os esportes, o teatro, dentre outros. Sua principal forma de disseminação se dá por meio da participação em festivais, nos quais diferentes grupos apresentam suas composições coreográficas, com o intuito não apenas de massificar a prática e ampliar o número de ginastas, mas incentivar e promover o conhecimento das disciplinas gímnicas à diferentes públicos. Este estudo tem como objetivo discorrer sobre a presença da GPT nos Jogos Olímpicos (JO) de 2016, realizado na cidade do Rio de Janeiro. A FIG organiza desde os JO de 1996, um evento pós competição denominado FIG Gala, no qual os ginastas que competiram podem se apresentar novamente incluindo elementos livres e descontraídos de forma que suas performances se tornem mais artísticas. Concomitante à estas apresentações, temos visto cada vez mais, a presença de ginásticas não olímpicas, como a Acrobática, a Aeróbica Esportiva e a GPT. Na edição do Rio de Janeiro, destacamos a presença de dois grupos de GPT: o Silvana Gym e um grupo universitário de GPT, o Grupo Ginástico Unicamp (GGU) da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Ambos os grupos são reconhecidos pela comunidade da GPT do país e representam o Brasil em eventos internacionais há mais de duas décadas. Além da apresentação no FIG Gala, os grupos também estiveram presentes nos intervalos das competições de handebol, esgrima, badminton, luta e ginástica. Inseridas nos JO com o objetivo de promover o entretenimento do público, as apresentações permitiram aos ginastas não olímpicos viverem o clima dos Jogos e mostraram ao público que a ginástica também pode ser praticada de maneira não codificada e sem o viés para a formação do atleta. Como legado, é possível pensar em duas vertentes: a primeira as modificações nas estruturas tradicionais dos campeonatos, com a inserção da GPT, como é o caso da Federação Paulista de Ginástica (bem como outras), que atentaram para a possibilidade de interligar uma ginástica não competitiva aos eventos considerados exclusivos (como os campeonatos

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

estaduais), e, assim, ampliar a base formativa e possíveis espectadores da Ginástica em nosso país. A segunda, o fato do GGU, grupo universitário, ter permitido aos profissionais e/ou futuros profissionais da área, a experiência esportiva e uma forma de aproximação entre a universidade e as diversas práticas corporais com os esportes olímpicos, parceria que pode contribuir de forma significativa para o desenvolvimento de ambos os setores.

Palavras-chave: Ginástica Para Todos; Jogos Olímpicos; Rio 2016.

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

APRESENTAÇÃO POSTER

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

O HEROÍSMO DO ATLETA NO ESPORTE MODERNO E AS SUAS IMPLICAÇÕES EM PRATICANTES DE ATIVIDADES ESPORTIVAS

Jéssica Oliveira Florentino Rafael da Silva Mattos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

jesikaedf@gmail.com

O esporte é um fenômeno sociocultural, que tem no seu surgimento uma forte relação com os momentos históricos de cada sociedade no qual ele está inserido. Com as mudanças políticas, econômicas e sociais que ocorrem no período de revolução industrial na Inglaterra foram iniciadas as transformações esportivas. Com o passar do tempo as relações estabelecidas com o esporte foram sendo modificadas, a mídia entrou no esporte e passou a promover de forma desigual as modalidades esportivas e contribuiu para a formação do herói criando um modelo de identificação com o público, assim o esporte precisa de heróis para gerar identificação nos telespectadores. O mito do herói vai passar por provações para que ele conseguir o seu objetivo heroico. Ao realizar um feito histórico o atleta consegue a sua consagração e passa a ter a sua imagem arquetípica no qual ao realizar tal façanha esportiva ele conseguiu vencer as suas limitações e alcançou a sua glória onde ele estabelece uma identidade coletiva. Assim, acreditasse que a imagem do atleta por ser fortemente veiculada pela mídia possa servir como exemplo de superação para os praticantes de modalidades esportivas. O objetivo desse trabalho é identificar as implicações do herói esportivo em praticantes de modalidades esportivas. O método utilizado neste trabalho foi o de um estudo transversal com praticantes de handebol e judô com idade entre 10 a 16 anos. Para a avaliação, foi aplicado um questionário com perguntas objetivas contendo informações socioeconômicas e sobre esporte e heróis esportivos. No total foram avaliados 6 questionários e todos os participantes tiveram o termo de consentimento assinado por seus responsáveis. Com os resultados obtidos foi possível observar os atletas esportivos são considerados um exemplo de superação e as suas conquistas esportivas são admiradas pelos praticantes de modalidades esportivas.

Palavras-chaves: Esporte; Herói-esportivo; Atleta; Mídia.

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

JOGOS OLÍMPICOS E GINÁSTICA PARA TODOS: POSSÍVEIS DIÁLOGOS ENTRE SEUS IDEALIZADORES

Priscila Lopes

Mellina Souza Batista

Michele Viviene Carbinatto

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri; Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP)

priscalopes@usp.br

Esta revisão bibliográfica tem como objetivo estabelecer um diálogo entre os ideais de Pierre de Coubertin, idealizador dos Jogos Olímpicos da modernidade, e Nicolas Cupérus, fundador da Federação Internacional de Ginástica (FIG). Cupérus foi um homem adepto aos tradicionais valores do Turnen, ginástica desenvolvida na Alemanha no início do século XIX (PARRISH; NURIGTH, 2012), e dedicou sua vida à Educação Física (BROCHADO; BROCHADO, 2005). Os alemães rejeitavam a esportivização por acreditarem que os princípios da competição, da performance e do recorde, não eram somente inútil e fútil, mas também um risco de lesão e excesso de esforço (PARRISH; NURIGTH, 2012). Desta forma, ao invés de valorizar a performance individual, Cupérus prezava por uma prática para todas as habilidades e níveis, e buscava criar um movimento universal que propagasse uma visão de bem-estar, promoção da atividade física e da linguagem corporal (GRANDI, 2011). Mesmo divergindo sobre a competição esportiva proposta pelos Jogos Olímpicos de Coubertin e a ginástica não competitiva defendida por Cupérus, os princípios norteadores para os projetos de ambos os idealizadores se pautavam na educação e no desenvolvimento humano. Coubertin era educador, pensador e historiador quando se dedicou a reorganizar os Jogos Olímpicos no final do século XIX. Tomando como base os rituais da Grécia antiga, Coubertin desejava ressaltar os aspectos pedagógicos do esporte, tendo como preocupação fundamental valorizar a competição leal e sadia, o culto ao corpo e à atividade física, em detrimento da conquista de marcas e quebra de recordes (RUBIO, 2011). Incorporou ao ideário olímpico a noção de comportamento cavalheiresco no esporte, o qual serviu de referência para discutir o conceito de fair-play que pressupõe uma formação ética e moral dos envolvidos com a competição (atletas, técnicos, espectadores, etc.), abolindo as formas ilícitas em busca da vitória. Para Coubertin, o vencer a qualquer custo desencadeava a obsessão pela competição e, conseqüentemente, causava no competidor sentimentos negativos como inveja, vaidade e desconfiança, além de denegrir a imagem do esporte (RUBIO; CARVALHO, 2005). Cupérus era considerado um humanista e homem visionário, cujo ideal foi reunir pessoas em torno dos princípios da Ginástica envolvendo a solidariedade, a tolerância e o bem-estar. Idealizava uma ginástica para todos, para homens e mulheres de todas as origens e gerações. Acreditava que ser ativo poderia ser o caminho mais eficaz para o desenvolvimento pessoal e cultural, promovendo o bem estar a longo prazo (GRANDI, 2011). Grandi (2011) cita que Coubertin e

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

Cupérus poderiam ter seus caminhos cruzados se a competição não fosse um impasse entre eles. Neste embate, Cupérus teve que ceder para uma maioria que pensava de forma diferente, entretanto, seus ideais não foram totalmente esquecidos, pois a ideia de um festival de Ginástica sem fins competitivos ressurgiu em 1939 na Suécia, denominado Lingíada, o qual desencadeou a Ginástica Para Todos, única prática gímnica organizada pela FIG que não possui caráter essencialmente competitivo (AYOUB, 2003; PATRICIO; BORTOLETO; CARBINATTO, 2016; SOUZA 1997).

Palavras-chave: Jogos Olímpicos; Ginástica Para Todos; Pierre de Coubertin; Nicolas Cupérus

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

A AMIZADE COMO VALOR NA PRÁTICA DO VÔLEI ADAPTADO NO CEU QUINTA DO SOL

Letícia Boccia Martins Nogueira

Luciano Estanislau

CEU Quinta do Sol (Prefeitura do município de São Paulo)

letsboccia@hotmail.com

O CEU Quinta do Sol encontra-se na zona lesta da cidade de São Paulo e foi inaugurado em 2008. Seu objetivo é atender à comunidade, oferecendo atividades esportivas, culturais e de lazer para todas as idades. Nessa mesma época aconteciam os JORI – Jogos Regionais do Idoso, fase capital, e essa competição incentivou a organização de equipes de idosos acima de 60 anos no espaço recém-inaugurado. Mulheres e homens, em equipes específicas, passaram a treinar diferentes modalidades como vôlei adaptado, atletismo, natação, dança e jogos de mesa. A equipe de vôlei adaptado feminino começou sem qualquer experiência e aos poucos, atletas e equipe técnica, começaram a ganhar conhecimento e experiência e a partir de 2011 o grupo se tornou mais competitivo. Apesar disso, o que se observa do grupo é a busca por outros valores para além da competição. O objetivo desse trabalho é apresentar o histórico esportivo desse grupo formado por mulheres acima de 50 anos, algumas sem experiência anterior no esporte, mas que se dedicaram aos treinos e competições. Para tanto foram entrevistadas 18 das atletas, cuja pergunta disparadora foi: Por que você escolheu o vôlei adaptado e com qual idade foi iniciada a prática esportiva. As respostas apontam para uma identificação com valores como o respeito, a disciplina e diversos elementos formadores do ser humano. A análise desses dados indica que em todas as respostas o valor “amizade” é o que se expressa mais frequentemente, seja de forma manifesta – comecei por convite de uma amiga, eu via as amigas jogarem e um dia elas me convidaram –, ou de forma latente – com mensagens específicas em efemérides como dia do professor e aniversário entre membros da equipe. A convivência com o grupo aponta que além das vantagens que a atividade física promove em relação aos aspectos físicos, cognitivos e psicossociais, ela também leva ao desenvolvimento da amizade, em um grupo cujo propósito competitivo caminha junto com os valores identificados como olímpicos.

Palavras-chave: Amizade; Vôlei Adaptado; Competição; Valores Olímpicos.

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

LEGADO SOCIAL DAS OLIMPÍADAS: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE 1992 E 2016

Simone Gonçalves de Paiva

Bruno Modesto Silvestre Silvia

Cristina Franco Amaral

Universidade de Campinas (UNICAMP)

simone.gpaiva@yahoo.com.br

O chamado “Modelo Barcelona” de Jogos Olímpicos, após mais de duas décadas de realização, ainda é tido como um marco simbólico e exemplo de projeto “bem sucedido” para países postulantes à sede desse evento. Barcelona é considerada uma cidade que traçou um projeto Olímpico de reformulação de sua morfologia urbana e de resolução de uma série de problemas estruturais e sociais. Em relação aos Jogos Rio 2016, é possível identificar nos discursos das autoridades competentes a influência – e o claro viés de admiração – exercida pelos jogos de 1992. A própria presença de Catalães como assessores de planejamento urbano para os Jogos do Rio corrobora essa argumentação. Realizar os Jogos Olímpicos se caracteriza pela transcendência do próprio evento, afinal os Legados são uma espécie de condicionante para as cidades sedes. Nesse sentido, ao se levar em conta que os investimentos Olímpicos podem promover mudanças sociais e estruturais, o Legado Social é uma forma remitir à cidade e aos cidadãos as alterações provocadas pela realização dos jogos. Nessa perspectiva, o objetivo do presente trabalho consistiu em investigar o legado social das duas cidades, Barcelona e Rio de Janeiro, e identificar se a influência espanhola foi realmente presente nos jogos de 2016. Em termos metodológicos foram analisados, por meio de uma abordagem qualitativa, documentos e relatórios oficiais desses dois eventos. Foi possível identificar processos de desapropriação de moradias para a realização de ambos os jogos. Todavia, em Barcelona as remoções não ocorreram de forma ampla e forçada como na cidade carioca, mas ainda assim, essa ação descaracterizou a vida dos removidos que, em muitos casos, foram realocados em áreas sem pertencimento – longe de familiares, trabalho ou escola. Quanto ao contexto esportivo, Barcelona apresentou maior democratização, as instalações olímpicas foram disponibilizadas à população sob a condição de pagamento de uma pequena taxa para utilização – o restante necessário para a manutenção garantido pelo estado. Entretanto, foi possível identificar que certas instalações passaram a operar concedidas a clubes, federações e outras entidades esportivas (gestão mista público-privado). No Brasil, é possível identificar parcela de revitalização e reurbanização de áreas, antes em situação precária, relacionadas ao evento. De todo modo, o próprio atraso da avaliação dos legados já demonstra parte do abandono do projeto inicial. Ademais, as instalações esportivas, são esporadicamente utilizadas para determinados eventos. Assim, o plano inicial de transformar as instalações em escolas ou espaços para práticas perenes de

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

esporte e lazer ainda não ocorreu. Desse modo, vale destacar que, apesar de Barcelona não ter sido um projeto perfeito de Jogos e Legados, apresentou uma maior democratização no oferecimento de práticas corporais e de acesso à infraestrutura esportiva. Por fim, guardada as devidas proporções históricas e conjunturais, é possível identificar que a influência dos Jogos de 1992 nos Jogos de 2016 operou em um nível superestrutural, exercendo pouca influência na política final de implementação dos Legados Sociais.

Palavras-chave: Esporte; Jogos Olímpicos; Legado.

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

O LEGADO DO PAN/2007 - 10 ANOS DEPOIS

Roberto Melchior

Nara Rejane

Marcelo Casati

Universidade Metropolitana de Santos; Faculdade de São Vicente (UNIBR);

Universidade Federal de São Paulo

robertomelchiorontheroad@gmail.com

Há algo de ilusão, sonho e fantasia em todo o processo que se reveste de realidade para efetivamente sair do papel, do universo das ideias para metamorfosear-se no concreto, no palpável, abandonando a esfera do imponderável, traduzindo-se em construções arquitetônicas, estradas, estádios, ginásios, alterações na malha viária, implemento no sistema de transporte, na educação, nos processos de qualificação e capacitação de trabalhadores e, sobretudo na transformação estética de uma cidade que recebe um grande evento esportivo. A análise sobre o legado, portanto, não se reduz à abordagem simplesmente pautada em seus implementos físicos, mas, sobretudo em um processo de transformação que reescreve a história de uma cidade e de seus moradores, a partir da relação que se estabelece entre a concepção da ideia de sediar o evento, o processo de difundir esta ideia, elencando seus aspectos positivos, a posterior realização do evento e a análise pormenorizada de uma gigantesca reação em cadeia que começa bem antes do anúncio oficial de que a cidade do Rio de Janeiro sediará os Jogos Pan Americanos de 2017. A observância referente às obras implementadas, bem como a análise dos processos de licitação ou a ausência destes, dá uma dimensão específica naquilo que diz respeito aos valores econômicos necessários para a realização do Pan Americano de 2007.

Palavras-chave: Legado; Esporte; Corrupção; Obras; Rio de Janeiro.

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

ANO OLÍMPICO E MÍDIAS SOCIAIS: ANÁLISE DO INSTAGRAM DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA

Lorena Nabanete dos Reis Michele Viviane Carbinatto

Universidade Federal do Ceará; Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP)

lorenareis@gmail.com

As mídias sociais vêm sendo, nos últimos anos, importantes canais de comunicação de alcance significativo para toda a população. De fato, elas influenciam a informação e conhecimento a respeito de um acontecimento e desempenham funções que ampliam a interação entre os sujeitos em grupos com interesses comuns (SANTOS, MEDEIROS, 2009; FOGAÇA, GIORDAN, 2012). Cada vez mais encontramos personagens do esporte que passam a utilizar esses instrumentos para propagar suas ações (REBUSTINI et. al., 2012). A Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) é o órgão responsável por dirigir, difundir, promover, organizar e aperfeiçoar a Ginástica Artística (GA), a Ginástica Rítmica (GR), Ginástica para Todos (GPT), Ginástica Aeróbica (GAE), Ginástica de Trampolim (GT) e Ginástica Acrobática (GACRO), (CBG, 2016). Desde maio de 2013, a CBG mantém uma de suas mídias sociais, o Instagram, que conta atualmente com cerca de 67,4 mil seguidores. Considerando o ano de 2016 de grande importância para o esporte brasileiro, pela realização dos Jogos Olímpicos no Brasil, o objetivo deste estudo foi analisar as postagens realizadas no Instagram da CBG durante o ano olímpico. Para tanto, foram analisadas as 998 postagens realizadas no ano e quantificadas de acordo com os critérios: modalidade e sujeito. Com relação às modalidades encontradas, a GA teve 57,9% das postagens, seguida pela GR com 26,7% e a GT com 6,6%. Considerando o fato de ser ano olímpico, as modalidades presentes no evento tiveram destaque em relação às demais. Acreditamos que o fato da GA ter predominado nas postagens, se deve a alguns fatores: é a modalidade de maior tradição no Brasil, tendo historicamente resultados internacionais significativos e, conseqüentemente maior público, visibilidade e investimento por meio de convênios e patrocínios; inclusive, foi a única modalidade gímnica a conquistar medalhas; apesar de ser considerada uma única modalidade, a GA se divide em feminina e masculina, cada uma com suas características próprias, com regras distintas. Porém mesmo que analisadas separadamente, a GAM ainda seria a campeã de postagens, com 28,4%, seguida da GR-26,7% e da GAF-21,3%. Com relação ao sujeito da foto, a ênfase esteve no atleta em 68,9% das postagens, enquanto o técnico apareceu juntamente com o atleta 14,7% vezes e sozinho apenas 1,6%, o que pode sugerir uma supervalorização da figura do atleta em detrimento a do treinador, que é peça-chave para o sucesso esportivo. Consideramos que a CBG é o principal

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

propagador de suas modalidades e sendo assim, todas elas deveriam ter visibilidade nas mídias sociais da instituição. Compreendemos o predomínio de algumas modalidades, principalmente as olímpicas, porém acreditamos que deveria haver uma proporcionalidade até mesmo entre elas, para que mais pessoas pudessem ter acesso à diversidade da Ginástica. Ademais, vemos como essencial a valorização dos treinadores, tanto nas mídias como também em investimento em suas carreiras para que as modalidades possam alcançar excelência em nível técnico. Por fim, destacamos que esse é um levantamento inicial e que a análise de outras variáveis poderá trazer mais informações acerca da temática.

Palavras-chave: Ginástica; Mídias sociais; Jogos Olímpicos.

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

VALORES OLÍMPICOS: UM OLHAR SOBRE A GINÁSTICA PARA TODOS

Mellina Souza Batista

Priscila Lopes

Michele Viviene Carbinatto

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP)

melsouza@usp.br

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a relação dos valores olímpicos com a prática da Ginástica Para Todos (GPT), com a intenção de destacá-la como uma ferramenta importante para a construção de conhecimentos e valores. Um dos valores fundamentais daqueles que se envolviam com a celebração dos Jogos Olímpicos (JO) Gregos, era a areté, que equivale ao latino virtus, e significa hombridade, valor. Atualmente, o olimpismo é baseado e fundamentado em valores, sendo esses também entendidos como universais e humanos (RÚBIO, 2012): amizade, excelência, respeito, coragem determinação inspiração e igualdade. Esses sete valores, são tomados como base em programas de educação olímpica e são desenvolvidos em algumas partes do mundo (RÚBIO, 2012). A GPT organizada pela Federação Internacional de Ginástica, se difere das demais ginásticas esportivizadas por ser a única que não possui caráter exclusivamente competitivo Trata-se de uma ginástica que tem como alguns de seus fundamentos o prazer pela prática, a composição coreográfica, a participação irrestrita, o favorecimento da inclusão e a formação humana. Os eventos da GPT são predominantemente não-competitivos e consistem em festivais ginásticos, em que onde o intercâmbio entre os praticantes e o congraçamento das possibilidades gímnicas são apresentados em forma de composições coreográficas (PATRICIO; CARBINATTO; BORTOLETO, 2016). Acreditamos que o diferencial da GPT no processo educativo para construção de valores e comportamentos é a formação humana enquanto eixo norteador de sua prática, a partir do qual deve-se estruturar toda uma proposta de trabalho para aqueles que pretendem desenvolver esta prática (TOLEDO; TSUKAMOTO; CARBINATTO, 2016). Quando a prática da GPT é orientada de forma que destaque o trabalho inclusivo, criativo, democrático e coletivo, a convivência e o acesso a diferentes culturas são oportunizadas, permitem trocas e aprendizados em grupo, viabilizando a formação humana. A literatura especializada descreve que no contexto da convivência em grupo, onde a socialização é enfatizada, as relações sociais e os valores são desenvolvidos e ressignificados. É possível fomentar a compreensão dos princípios e valores e o seu desenvolvimento através de propostas de ginástica quando se pensa no aspecto sócio-afetivo. A prática acontece de forma coletiva, em pequenos e grandes grupos, estimulando a convivência entre pares (TOLEDO; TSUKAMOTO; CARBINATTO, 2016). Desta forma, acreditamos que seja durante o processo de composição coreográfica em GPT que a correlação com os valores que

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

fundamentam o olimpismo pode ser potencializada, alguns de forma mais expressiva como amizade e respeito. Portanto, assim como o fenômeno dos JO, consideramos que o festival na GPT seja um dos momentos mais importantes, em que público, praticantes e atletas se emocionam e se mobilizam, fazendo de todo processo de preparação até o dia do evento um caminho permeado por valores.

Palavras-chave: Valores Olímpicos; Ginástica Para Todos; Formação humana.

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

A PERCEPÇÃO DE KARATECAS QUANDO IMERSOS NA COMPETIÇÃO: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA

Marcelo Alberto de Oliveira

Victor Lage

Ana Cristina

Zimmermann

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP); Faculdade de Educação Física
(Universidade de Brasília)

marcelo.alberto@usp.br

Este estudo tem como objetivo compreender a percepção de praticantes de Karatê em ambiente de competição. A metodologia qualitativa e transversal utilizou entrevista semiestruturada, com análise do discurso e posterior construção de categorias em uma matriz nomotética – essa ferramenta tem como principal objetivo trazer a perspectiva do entrevistado de modo a compreender o fenômeno estudado – “um movimento do individual para o geral, no qual se envolve uma compreensão das proposições individuais como exemplo de algo mais geral, ou seja, uma generalidade das proposições individuais nas quais se baseia” (LAGE, 2007). No intuito de contemplar diferentes períodos de experiências, foram entrevistados dois professores de Karatê (mais de vinte anos de experiência/prática) e dois atletas iniciantes (menos de um ano de experiência/prática) durante um campeonato regional do estilo Shotokan em Barueri (SP). A análise das asserções dos depoentes permitiu a construção das categorias: A) O Karate para saúde mental (a busca de um esporte que trouxe-se controle emocional, melhora na concentração e autoconfiança); B) O Karate como preparação física (melhora na capacidade motora e respiratória); C) O Karate como fonte social (fortalecimento de amizades no ambiente de campeonato; D) O Karate como persistência e esforço (conselhos a quem está interessado na prática a não desistir, pois os exercícios do Karatê possuem benefícios a longo prazo). Concluiu-se que os relatos dos praticantes de Karatê (iniciantes e avançados) envolvidos em ambiente esportivo revelaram elementos cuja compreensão está associada a uma prática constante/persistente e árdua.

Palavras-chave: Karate; Esporte; Persistência.

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

LEGADO EDUCACIONAL DOS JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016: DO PLANEJAMENTO À EXECUÇÃO

Lucas Campbell

Flavia Porto

Jonas Gurgel

Universidade Federal Fluminense

lcampbell@id.uff.br

O Brasil no final do século XX passou pelo dilema da França no final do século XIX, tínhamos que decidir em como utilizar o esporte em nossa sociedade e, como ele serviria de ferramenta educativa. Passávamos pelo fim da ditadura militar, não tínhamos indústrias e a inflação crescia. Na França, já havia ocorrido a Revolução Burguesa, tinham indústrias e os problemas sociais eram outros. Obviamente tomamos medidas diferentes e tivemos resultados diferentes. Uma constituinte era elaborada e a conjuntura não era favorável para os mais pobres, mantivemos os privilégios de quem explora o trabalho e acumula o capital, não seria diferente na educação e no esporte. Nesse momento, indicavam a prioridade do esporte como política pública e com a finalidade de educar, mas educar como e para quem? Na França havia uma educação conteudista e volumosa, muitas horas de trabalho nas fábricas, o que gerava uma surmenage (Estafa física e mental). Atrás da Inglaterra sobre como educar suas crianças e futuros líderes, Pierre de Coubertin impulsionado pelos estudos arqueológicos de Ernst Curtius, pensou na educação Paidéia dos Gregos como solução. Observando o modelo de educação inglesa e como ela relacionava os estudos com o esporte, que teve certeza que a ociosidade dos alunos franceses após as aulas causava sérios danos ao rendimento. No ensejo de resgatar a educação por completo dos gregos, Coubertin propôs o uso do esporte como ferramenta educativa, utilizando junto o que ainda estava em processo de resgate, os Jogos Olímpicos Helênicos, iniciando um movimento de Olimpismo no resgate dos valores dos Jogos e, assim, criando uma educação olímpica, a qual acreditava-se ter o potencial para sanar os problemas educacionais da época através do esporte. No século XX, com a apropriação dos jogos olímpicos pelo capitalismo, a corrupção dos valores olímpicos em detrimento do acúmulo de riqueza se torna uma cruel realidade... Os atletas amadores viravam profissionais através de patrocínios, as grandes empresas patrocinavam os jogos e, conseqüentemente, casos de corrupção apareceram. Dentro desta conjuntura, a educação olímpica não passou ilesa, um exemplo claro é o legado olímpico educacional nos Jogos Olímpicos do Rio 2016. Neste sentido, o presente trabalho tem como proposta analisar o legado educacional dos jogos Rio 2016, principalmente focando as propostas e contradições presentes nos diferentes projetos educacionais realizados nos períodos prévio e posterior aos jogos. Para avaliar esses projetos foram utilizadas as fontes oficiais de

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

documentação, reportagens da mídia e artigos científicos, sendo realizada a técnica de análise de conteúdo de Bardin. As fontes documentais apontam para dois principais projetos visando um legado educacional, o projeto Transforma e o Segundo Tempo, ambos financiados com verba federal. Os projetos e propostas avaliados apresentam carência de informação e transparência, bem como, apresentam fontes com conflito de interesse, o que pode ser considerado como uma limitação do presente estudo. Somado a esses projetos, a promessa de construção de quatro escolas a partir da retirada de instalações esportivas temporárias, não foram cumpridas.

Palavras-chave: Olimpismo; Legado Olímpico; Educação Física;

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

DE “MÃOS VAZIAS” A “MÃOS COM LUVAS”: A TRAJETÓRIA DO KARATE RUMO AOS JOGOS OLÍMPICOS

Marcelo Alberto de Oliveira

Tiago Oviedo Frosi

Carlos Alberto Bueno dos Reis Júnior

Ana Cristina Zimmermann.

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP); Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (Universidade Federal do Rio Grande do Sul); Departamento de Educação Física (Universidade Federal do Paraná)

marcelo.alberto@usp.br

Este estudo aborda a trajetória histórica do Karate, particularmente no que tange os processos que favoreceram sua inclusão como uma das cinco modalidades que estrearão nos Jogos Olímpicos de 2020, em Tóquio, Japão (Escalada, Surfe, Skate, Karate e Beisebol/Softbol). A revisão bibliográfica foi a metodologia utilizada nesta pesquisa. Foram identificadas várias tentativas e esforços para que o Karate pudesse ingressar como uma modalidade nos Jogos Olímpicos. Desde as primeiras competições organizadas pela Associação Japonesa de Karate, datada de outubro de 1957 em Tóquio (JKA, 2017), passando pelo surgimento e fragmentação de várias organizações do Karate mundial nas últimas décadas. Percebeu-se vários esforços para se obter uma vaga como modalidade oficial junto ao Comitê Olímpico Internacional (COI). Concluiu-se que os agentes (dirigentes de federações, presidentes, técnicos e atletas), juntamente com estruturas ou instituições (clubes, federações, empresas patrocinadoras, instituições governamentais) estiveram envolvidos em um processo que visou atender as exigências do COI – com mais efervescência em finais do século XX e início do XXI. Assim, verificou-se como resultado um movimento constante de mudanças, no sentido da concretização de um processo de esportivização que compreende: modificações de regras e normas (exclusão de técnicas com alto risco de lesão, por exemplo); substituição de equipamentos e inclusão de acessórios de segurança para atletas (implementação de luvas, protetor bucal, coquilha, protetor de tórax, caneleiras e tatame para amortecimento de quedas); adesão de ferramentas tecnológicas (placares eletrônicos, revisão em vídeo). Neste contexto, é possível observar várias transformações no desenvolvimento da modalidade que deram forma ao que o Karate tem hoje, o qual o colocou como modalidade estreante sendo condicionada por interesses mercadológicos.

Palavras-chave: Karate; Trajetória; Olimpíadas.

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

PROPOSTA DE COMO DISPONIBILIZAR O CONTEÚDO DO LIVRO "ATLETAS OLÍMPICOS BRASILEIROS" NUM SISTEMA INFORMATIZADO COM BANCO DE DADOS

Rovilson de Freitas

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos
(GEO)

rovilson.freitas@usp.br

A internet hoje é grande protagonista na pesquisa de variados temas. Ainda assim, pesquisas científicas estão limitadas, muitas vezes, apenas a uma versão em documento (seja pdf, seja docx, seja em html), e não sistematizada para facilitar a busca de dados que podem, eventualmente, se tornarem informações para novas pesquisas. O livro ""Atletas Olímpicos Brasileiros"", elaborado ao longo de anos pela Professora Dr^a Katia Rubio e o Grupo de Estudos Olímpicos da Universidade de São Paulo, foi lançado no ano de 2015 em seu formato impresso. Esse trabalho traz a narrativa biográfica de todos os atletas olímpicos brasileiros desde 1920 até 2012, relatado pelos próprios desportistas e/ou seus familiares. Não há dúvidas que esse material merece uma ferramenta para que todos possam, de maneira facilitada, ter acesso aos dados. Isso podem contribuir para pesquisas posteriores, além de facilitar o acesso dos membros do grupo às informações contidas no livro para a elaboração de suas pesquisas individuais. Estando apenas num formato em pdf, gera dificuldades na análise desses dados. Uma ferramenta informatizada, que poderia ser acessada de qualquer equipamento com acesso à internet (celulares, tablets, notebook, computadores pessoais, etc), simplificaria a busca de dados específicos de cada assunto, ajudando ainda mais os pesquisadores em suas tarefas. O presente trabalho visa apresentar uma proposta de site com banco de dados que poderiam ser acessados por qualquer pessoa no mundo, em três idiomas (Português, Inglês e Espanhol). Serão sugeridos, também, ferramentas de busca, tanto fixas como selecionadas pelo próprio usuário que fará sua pesquisa na ferramenta. Será utilizada o modelo relacional de banco de dados, com a linguagem de programação Visual Studio - C# e gerenciador de banco de dados SQL Server, ambas ferramentas da empresa Microsoft.

Palavras-chave: Informática; Atletas Olímpicos, Banco de Dados.

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

“ESSA É SUA”. A EXPERIÊNCIA COMPETITIVA NAS OLIMPIADAS ESCOLARES DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Valniria M. L. de Sousa

EMEF Deputado João Sussumu Hirata (Prefeitura do município de São Paulo)

valnirialopes2006@hotmail.com

Muito se discute sobre o esporte na escola. As controvérsias sobre o tema estão presentes na educação física brasileira há décadas, muito embora não haja consenso. A capacitação de professores que participam com seus alunos das Olimpíadas Estudantis na cidade de São Paulo é fundamental para o aprimoramento técnico das equipes participantes. Porém, nos anos de 2013 e 2014 essa capacitação abrangeu também a formação em valores olímpicos, cuja finalidade era promover a amizade, o respeito, a excelência, a igualdade para além da vitória. Um fato que mereceu destaque, em uma das competições, ocorreu na etapa regional de Santo Amaro, quando um estudante de uma equipe vencedora, ao final da competição, ofereceu sua medalha para a professora da equipe derrotada. Gesto espontâneo e inesperado, sensibilizou a todos os que participaram da cena e deu visibilidade para a necessidade da formação em valores para as competições escolares. O objetivo deste trabalho é apresentar o processo de formação das crianças que participam das competições escolares. Isso porque entende-se que a competição no nível escolar tem a função de educar em valores e a vitória é uma consequência do trabalho realizado. O caso aqui relatado aponta para a importância da preparação do professor que irá instruir seus alunos para o encontro com outras equipes e atletas de escolas de diferentes regiões da cidade, com culturas específicas e realidades diversas, porém o valor da competição esportiva é resguardado por aquilo que se denomina valores olímpicos.

Palavras-chave: Competição; Esporte na escola; Valores olímpicos.

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

PARTICIPAÇÃO E RANQUEAMENTO NA NATAÇÃO ARTÍSTICA AO LONGO DAS EDIÇÕES OLÍMPICAS

Lígia Zagorac Bahu

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP)

ligia.bahu@usp.br

Introdução: A inclusão da natação artística (nado sincronizado) nas competições oficiais dos Jogos Olímpicos ocorreu na edição de Los Angeles (1984), com a prova de dueto. Até a edição de Barcelona (1992), essa foi a única prova disputada, sempre entre oito países. Em Atlanta (1996), a prova de dueto não foi disputada, dando lugar para a prova de equipes, também com oito competidores. A partir de Sydney (2000), ambas as disciplinas passaram a ser disputadas, com a realização de eliminatória seguida de final com doze concorrentes para os duetos, e final direta com oito no caso das equipes. Identificar quais países se destacam na modalidade permite inferências sobre seu desenvolvimento e sua distribuição geográfica. Objetivo: Determinar os países que se destacaram na natação artística nas edições dos Jogos Olímpicos, desde sua estreia como competição oficial, em Los Angeles (1984). Método: Foram analisados os dados de ranking presentes online, no site do Comitê Olímpico Internacional (COI). Para os duetos, foram considerados os países finalistas de cada edição, ou seja, as doze primeiras colocações. No caso das equipes, a participação é restrita a oito países por edição, sendo esse o número total tabulado. Verificou-se as colocações, o total de países participantes e a distribuição continental. Resultados: Dezesete países se revezaram entre as oito ou doze primeiras colocações das provas de dueto (dependendo das características de cada edição). Dez estão localizados na Europa, quatro na América e três na Ásia. Se considerarmos a participação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (Seul, 1988) e do Time Unificado das nações antes constituintes do mesmo bloco (Barcelona, 1992), o número total sobe para dezenove, e a participação europeia para doze. Canadá, Estados Unidos, França e Japão estiveram presentes entre as colocações analisadas em todas as edições. Ainda na prova de dueto, sete países foram medalhistas: Japão (duas pratas; cinco bronzes), Rússia (cinco ouros), Estados Unidos (dois ouros, uma prata e um bronze), Canadá (um ouro; duas pratas), Espanha (duas pratas), China (uma prata; um bronze) e França (um bronze). Nas provas de equipe são quinze os países participantes de edições olímpicas, sendo oito provenientes da Europa, quatro da América, dois da Ásia, um da África e um da Oceania. Egito e Austrália, representantes desses dois últimos continentes, participam desde Pequim (2008). China, Japão e Rússia estiveram presentes na prova de equipes em todas as edições. Seis países foram medalhistas por equipes: Rússia (cinco ouros), Japão

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

(duas pratas; dois bronzes), China (dois ouros; um bronze), Estados Unidos (um ouro; um bronze), Canadá e Espanha (ambos com uma prata e um bronze). Conclusão: A natação artística é uma modalidade incluída recentemente na programação dos Jogos Olímpicos. Apenas o Japão participou da modalidade em todas as edições, considerando ambas as disciplinas. Os maiores medalhistas foram Japão, com onze pódios, e Rússia, com dez (nesse último caso, todas de primeira colocação). Rússia, China, Espanha e Ucrânia apresentaram rápida ascensão no ranking olímpico da modalidade.

Palavras-chave: Natação artística; Jogos Olímpicos; Ranking.

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS ESCOLARES

Josiane de Cassia Brito Ferreira Marcelo Alberto de Oliveira

Universidade Federal do Paraná

jo-cassi@hotmail.com

Os espaços em geral têm suas significações atribuídas aparentemente neutras. Porém, com o olhar um pouco mais apurado é possível identificar as dicotomias atribuídas a cada espaço, dando significados distintos e bem colocados de onde é o lugar do feminino e do masculino. O privado como o lugar da mulher e o público do homem. A escola por sua vez, na maioria das vezes acaba por reproduzir estas significações e distinções. O fato de haver, quase que predominantemente mulheres nas escolas de educação infantil pode ajudar a reforçar este quadro. Nos anos subsequentes as características femininas e masculinas acabam sendo evidenciadas pelos professores e professoras quando se utilizam de discursos como: “as meninas são quietas e os meninos bagunceiros”. Estas características implicam na apropriação dos espaços escolares, de forma que os meninos utilizam se mais de espaços como a quadra, saem-se melhor em atividades onde haja envolvimento de força e agilidade, já as meninas acabam ficando mais reservadas as tarefas onde haja maior predominância de trabalhos manuais e que não exijam força. Assim a leitura e a dedicação aos estudos acabam por se firmar atividades das meninas, podendo-se prever que o espaço predominante delas seja a biblioteca da escola. Já no momento onde deveria haver maior interação entre os alunos e alunas, a hora do intervalo ou recreio, os meninos brincam, pulam, saltam e suam, correm e jogam bola, tomam conta do pátio e da quadra quando disponível, já as meninas preferem ficar sentadas, conversando entre elas e mal ocupam os espaços disponíveis para este momento. Podemos assim concluir que, a dicotomia existente entre o masculino e feminino se faz presente também na escola, quando se diz respeito aos espaços ocupados pelas meninas e meninos, durante a aula e o intervalo.

Palavras-chave: Educação Física; Gênero; Escola.

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA EM JOGOS OLÍMPICOS: NATAÇÃO ARTÍSTICA

Lígia Zagorac Bahu

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP)

ligia.bahu@usp.br

Introdução: A estreia do Brasil em Jogos Olímpicos na natação artística (nado sincronizado) ocorreu em Sydney (2000), com a prova de dueto. Desde então, o país tem participado na modalidade em todas as edições, participando pela primeira vez da prova de equipe nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016. Objetivo: Verificar a participação brasileira em Jogos Olímpicos, na modalidade natação artística. Método: Utilizou-se análise documental. Foram consultados os ranqueamentos da modalidade e a lista de atletas participantes nas edições olímpicas. Ambas as informações encontram-se disponíveis nos sites do Comitê Olímpico Internacional (COI) e da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CBDA). Resultados: O Brasil participou da modalidade natação artística nos Jogos Olímpicos de Sydney (2000), Atenas (2004), Pequim (2008), Londres (2012) e Rio de Janeiro (2016). Esteve presente em todas as edições mencionadas nas provas de dueto. Sua estreia na prova de equipe ocorreu nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (2016), quando sediou o evento. Na prova de dueto, o país alcançou a décima segunda colocação nas edições de Sydney (2000) e Atenas (2004), com a participação das atletas Carolina Moraes e Isabela Moraes; e a décima terceira nas edições de Pequim (2008), Londres (2012) e Rio de Janeiro (2016), sendo nas duas primeiras representado pelas atletas Lara Teixeira e Nayara Figueira, e na última por Luisa Borges e Maria Eduarda Micucci. O país conquistou a sexta colocação na prova de equipe nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (2016), com a participação das atletas Maria Eduarda Micucci, Luisa Nunes Borges, Lara Teixeira, Lorena Molinos, Maria Bruno, Beatriz Feres, Branca Feres, Pamela Nogueira e Maria Clara Coutinho. Conclusão: O Brasil hoje é o único país sul-americano a participar de edições olímpicas de natação artística. Percebe-se uma estagnação em sua colocação na prova de duetos.

Palavras-chave: Natação artística; Jogos Olímpicos; Brasil.

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

PENÉLOPE E A ESPERANÇA DO ATLETA OLÍMPICO RESERVA: POSSÍVEIS TRAJETÓRIAS ATÉ A TITULARIDADE

Waleska Vigo Francisco

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos
(GEO)

walvifran@hotmail.com

Para conquistar a imortalidade, um atleta olímpico contemporâneo não depende somente da vitória. Após os Jogos de Tóquio-64 - primeiros a serem transmitidos pelas redes de televisão – a visibilidade desse atleta passou a ser influenciada pelas mídias de massa e seu reconhecimento público exigiu certo grau de atuação. Com pouca ou nenhuma atuação, o atleta olímpico reserva tem, portanto, sua imortalidade ofuscada ao manter-se à sombra do titular. A partir desta constatação, o presente estudo buscou - através de entrevistas realizadas pelo Grupo de Estudos Olímpicos da EEFE-USP (GEO-USP) - captar as percepções de atletas olímpicos reservas quanto aos seus processos de reconhecimento público. Apesar da inquietação e insatisfação constatadas durante as entrevistas, foi visto que alguns atletas transformavam as adversidades em fatores motivacionais para prosseguir e alcançar o posto de titular. Estiveram presentes nesses atletas as qualidades da areté do espírito - virtude cavalheiresca inserida na educação dos heróis e heroínas gregas - como a sagacidade, a agudeza mental e a prudência. Durante este percurso, a esperança, principal virtude presente na heroína mitológica Penélope, demonstrou ser o alicerce que sustenta vivo o desejo de se tornar titular. A titularidade pôde, então, ser alcançada através de duas vias retroalimentativas: a primeira, denominada desejo-sofrimento, é caracterizada pela constante decepção e subsequente sofrimento gerado pela permanência no banco de reservas, deste modo, nasce o desejo de tentar novamente; a segunda, denominada desejo-satisfação, é representada por um ciclo que tem início no desejo pela titularidade, passa pela satisfação desta conquista e retorna ao desejo de permanecer na posição.

Palavras-chave: Mito; Atleta olímpico reserva; Esperança

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

EDUCAÇÃO OLÍMPICA E VALORES: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Julio Cezar Fetter

Natália Kohatsu Quintilio

Juliana Rodrigues Marconi

Carlos Rey Perez

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos
(GEO)

julioc_fetter@yahoo.com.br

O Olimpismo é compreendido como uma filosofia de vida, pautado em valores, aliando esporte com educação e cultura, devendo ser pensado muito além de seus principais eventos esportivos. Ainda, segundo a Carta Olímpica, o esporte deve pôr-se a serviço da criação de um estilo de vida, do desenvolvimento harmonioso, embasado por valores éticos e no valor educativo do bom exemplo. A Educação Olímpica, desta forma, pode ser um meio para que estes valores e conceitos sejam inseridos nos contextos escolares para difusão dos valores e formação integral dos sujeitos. Com estas premissas, construímos uma proposta que pense nestas questões, e consiga, ainda, abordar estes elementos muito além das práticas das aulas de Educação Física. O objetivo deste trabalho é observar, a partir de uma intervenção pedagógica com os elementos da Educação Olímpica, a aquisição de conceitos e valores significativos para os alunos. O projeto, ainda em execução, destina-se a alunos do 3º ano do Ensino Fundamental 1, com 10 intervenções e conteúdos divididos em três tópicos: história dos Jogos Olímpicos, símbolos olímpicos e os valores olímpicos; em aulas teóricas e práticas. Como primeira atividade, foi realizada uma pesquisa na qual os alunos tiveram que, a partir de seus conhecimentos prévios, elencar dez conceitos estivessem relacionados aos Jogos Olímpicos, tendo como referência suas próprias experiências, sem interferência dos professores. Os termos citados foram classificados em 13 categorias: atletas, elementos históricos, equipamentos, evento, locais, modalidades, modalidades não pertencentes aos Jogos, movimentos, personagens, sentimentos, símbolos, cidades e valores. Foram citados 564 verbetes, sendo 69,1% deles relacionados a modalidades esportivas olímpicas. Outras citações referem-se aos personagens (5,5%) dos Jogos (atletas, técnico, juiz) e equipamentos (4,4%), por exemplo. Há ainda 7 citações nominais a atletas, sendo 6 de atletas da modalidade futebol; e também não há nenhuma citação a valores humanos. Inferimos, inicialmente, que a maior citação em relação a modalidades deve-se em razão da ligação dos Jogos Olímpicos apenas como evento esportivo. A variabilidade de modalidades citadas pode ser em consequência do contexto em que se inserem e suas próprias vivências, além da proximidade com os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, uma vez que 40 modalidades foram citadas. A

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

expectativa é, com o restante das intervenções, fazer com que os alunos compreendam que os Jogos Olímpicos têm elementos muito além das práticas esportivas, como conceitos históricos, símbolos e, principalmente, valores que podem ser aprendidos e aplicados pelos alunos, tanto no contexto esportivo como na vida pessoal.

Palavras-chave: Educação olímpica; Valores; Prática pedagógica.

VII Seminário de Estudos Olímpicos

“Legado e Desafio dos Jogos Olímpicos”

23 a 24 de novembro de 2017

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)

A EDIFICAÇÃO DO ESPÍRITO OLÍMPICO NA EXPERIÊNCIA DE VOLUNTARIADO NA GINÁSTICA ARTÍSTICA NOS JOGOS DO RIO

William Ferraz de Santana

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP)

william.santana@usp.br

De acordo com a Organização das Nações Unidas (UN, 2001), o voluntariado não traz benefícios financeiros, entretanto é capaz de beneficiar a sociedade em geral e melhora a vidas das pessoas, incluindo a dos próprios voluntários. E tendo em vista tal fato, a experiência de voluntariar nos Jogos Olímpicos do Rio foi capaz de proporcionar experiências singulares a todos os participantes. A grande parcela dos voluntários está envolvida na Ginástica Artística de alguma forma, seja como atleta, treinador, pesquisador ou simplesmente um amante do esporte, tornando a experiência de estar próximo dos seus ídolos olímpicos como a lendária Nadia Comaneci foi um dos fatores motivacionais determinantes para trabalharem na modalidade e se envolverem com amor e afinho para a execução do evento da melhor maneira possível, residindo em tais fatores o chamado Olimpismo. A equipe era constituída por brasileiros, mas também formada por portugueses, alemães e mexicanos e outras pessoas das mais diversas nações, tornando o simples fato de ingressar no Parque Olímpico e participar dos Jogos do Rio uma experiência inovadora, um puro intercâmbio cultural que deslumbrou à primeira vista e sem dúvidas deixará marcas que perdurarão por muito tempo na vida dos participantes. Quando Pierre de Coubertin almejou agregar os valores olímpicos como a Amizade, o Respeito e a Excelência ao criar os Jogos Olímpicos da Era Moderna, certamente a experiência de voluntariar está presente em ambos, proporcionando como legado para os heróis do esporte a eternidade na história e para os voluntários a edificação do Espírito Olímpico, que é o sentimento imensurável de dever cumprido, que somado ao enriquecimento cultural e as experiências vividas constroem uma paixão ainda maior pela modalidade e pela experiência e oportunidade de voluntariar.

Palavras-chave: Espírito Olímpico; Jogos Olímpicos; Voluntariado.